

**RELIGIÃO, ESPIRITUALIDADE E POLÍTICA:
A introdução do neopentecostalismo no quilombo do Pratigi em Camamu-BA**

RELIGION, SPIRITUALITY AND POLITICS:
The introduction of neopentecostalism in the quilombo of Pratigi in Camamu – BA

Fábio Barros^(*)
Nadson Vinicius dos Santos^(**)

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar a implementação do Neopentecostalismo na comunidade quilombola do Pratigi - BA e as suas relações entre a “pequena e grande política”, discutindo como esta vertente do cristianismo está sendo inserida nestas comunidades. A escrita foi feita a partir de uma pesquisa etnográfica feita em 2019 por Barros (2020), para a escrita da dissertação de mestrado. Ficando evidente, aqui neste artigo, que a inserção do Neopentecostalismo nas comunidades periféricas e tradicionais, geralmente vão acompanhadas pela “grande política”.

Palavras-chave: Neopentecostal. Quilombo. Política.

Abstract

This article aims to analyze the implementation of neopentecostalism in the quilombola community of Pratigi - BA and its relations between "small and big politics", discussing how this aspect of Christianity is being inserted in these communities. The writing was done from an ethnographic research carried out in 2019 by Barros (2020), for the writing of the master's thesis. It becomes evident, here in this article, that the insertion of neo-Pentecostalism in peripheral and traditional communities is usually accompanied by “big politics”.

Keywords: Neopentecostal. Quilombo. Policy.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por base a dissertação: *memória, festa de Santo, território e alianças políticas: uma etnografia do quilombo do Pratigi (BA)* (BARROS,2020). A citada dissertação estudou a formação de uma comunidade quilombola no município de Camamu, Baixo Sul da Bahia, desde a chegada dos fundadores: Maria dos Santos, Anjo Barros e seu irmão Faustino Barros. O presente artigo, escrito por mim, na comunidade

(*) Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação Estado e Sociedade – PPGES da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), mestre pelo mesmo programa; Especialista em Ensino Fundamental II e Ensino Médio; Bacharel em Geografia pela UESC, Licenciado em Geografia pela UNOPAR. E-mail: fabiodebarros02@hotmail.com

(**) Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras História da Literatura – PPGL da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) Professor E.B.T.T. da área de Letras/Espanhol do Instituto Federal Goiano, campus Posse, em Posse-Goiás. E-mail: nadson.santos@ifgoiano.edu.br

quilombola do Pratigi, é fruto de uma seção da dissertação que trata da inserção das religiões neopentecostais no quilombo em estudo.

Lancei-me à escrita deste artigo científico com a alegria de ser bisneto de Anjo Barros e de Maria dos Santos, além da satisfação acadêmica em ter minha própria família como objeto de estudo e de realizar a pesquisa de dissertação com meus “parentes-interlocutores”, conforme Santos (2020, p.06). A fim de aprofundar algumas questões, inviáveis à época por conta do cronograma da dissertação, convidei meu primo Nadson Vinícius dos Santos para assumir a coautoria do presente artigo no que concerne às questões de história da África e da violência do eurocentrismo.

O objetivo desta escrita é analisar a implementação do neopentecostalismo na comunidade quilombola do Pratigi e as relações entre a “pequena e grande política” a partir dos usos desta forma de religião. Para Bezerra (1999), a pequena política é aquela feita entre compadres, vizinhos; na amizade, ou seja, exercida na “pequena comunidade”; já a grande política é aquela que está no âmbito estatal, isto é, exercida nas grandes “instituições nacionais”. Entretanto, “os mesmos recursos políticos – como o jogo de reputações, o acionamento das lealdades primordiais e a troca de favores – são mobilizados tanto nas ‘pequenas comunidades’ quanto nas instituições formais da política oficial” Bezerra (1999, p.17).

Traço, então, esta escrita a partir desses jogos de interesses, visto que, por um lado, atualmente, tem parte da família que faz o movimento político de “cima para baixo”, ou seja, está dentro das grandes instituições religiosas e da política partidária; são esses que visam a implementar a igreja neopentecostal no quilombo do Pratigi. Por outro lado, há familiares que fazem suas relações políticas de “baixo para cima”, isto é, da “pequena política para a grande política”. Houve grandes aspirações, no quilombo do Pratigi, por parte da família Justino e alguns dos Barros, em implementar o neopentecostalismo na sede pratigiense, contudo, houve maior resistência dos mais velhos da família Barros, devotos a Santo Antônio, padroeiro da comunidade, que impediram este intento.

A devoção ligada ao Santo padroeiro se deve ao fato deste ter proporcionado vários livramentos; ter proporcionado a posse da terra e, sobretudo, ser o próprio santo, uma herança de família. Este Santo existe na família dos Barros há muitos séculos. A única oportunidade que o núcleo familiar dos Justino, com ajuda mínima de alguns Barros, teve para conseguir implementar esta vertente do cristianismo nas terras

pratigienses foi a relação da política partidária com a política comunitária, que para bezerra (1999) não se separam.

A igreja evangélica foi colocada no núcleo territorial do Cobico. Hoje, este núcleo territorial, apesar de pertencer aos Barros, almeja se distanciar e, quiçá, se desvincular do nome Pratigi. Isto, lógico, tem vários fatores que influenciam, dentre eles: a quantidade maior de pessoas que reside nesta comunidade e a distância até a sede do Pratigi. Segundo o que me relataram, porém, a principal razão para a desvinculação seria a implementação do neopentecostalismo na região. Esse assunto encontra resistência em contraposição às festas profanas, como a dedicada a Santo Antônio; os carurus a Cosme e Damião, bem como outras festas na sede da comunidade quilombola do Pratigi. Geograficamente falando, a comunidade quilombola do Pratigi, lócus da presente pesquisa, está situada no município de Camamu, Baixo Sul da Bahia (ver figura 1). Segundo o censo de 2010 feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, esse município comporta aproximadamente 35.316 habitantes¹.

O Pratigi, hoje, é dividido em quatro núcleos territoriais-familiares: Quigeme, Cobico, Cabo da Mula e o Centro. Segundo Mello (2012), Núcleo territorial são pequenas localidades que dividem um determinado território geográfico. Em cada núcleo citado, moram algumas famílias dos Barros, visto que esta divisão ocorreu após a morte de Anjo Barros, tido como fundador do quilombo. Demograficamente falando, a comunidade citada, atualmente, tem aproximadamente 60 famílias que possuem estreita relação familiar e, sobretudo, de amizade, matrimônio e compadrio. Na infraestrutura, há uma escola fundamental I, um posto de saúde, luz elétrica, água encanada, uma igreja católica e uma evangélica; as casas são todas de cimento e concreto.

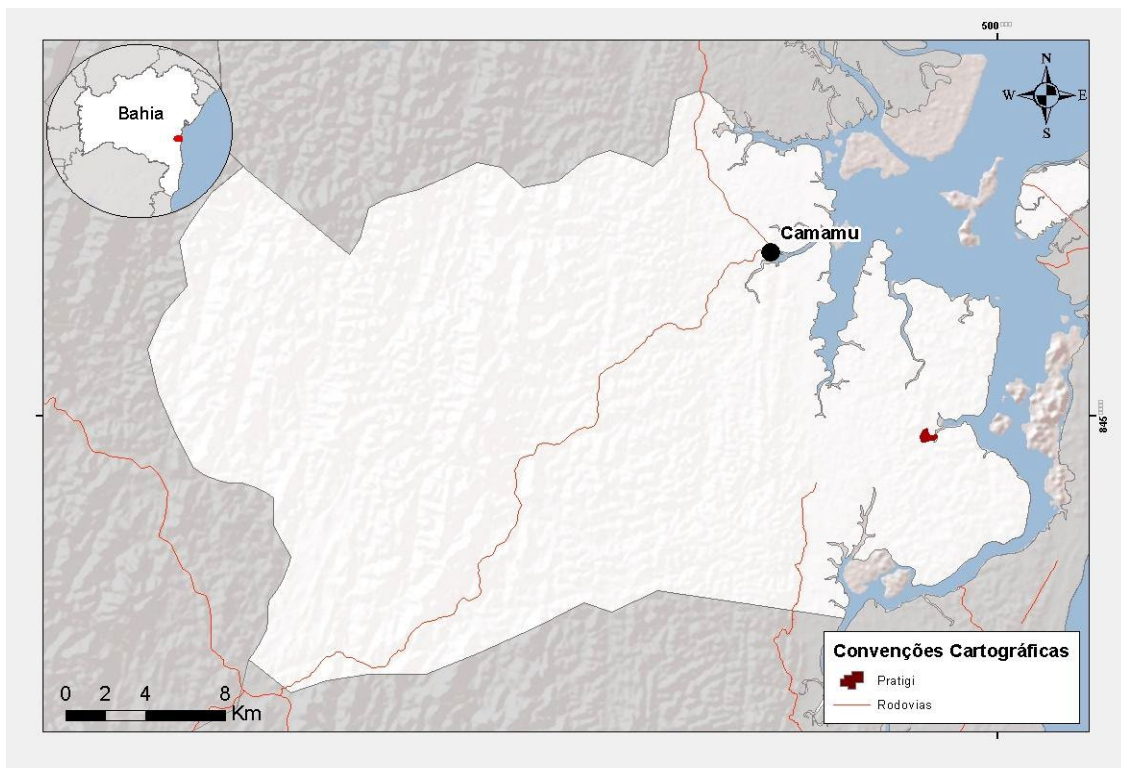
Segundo Barros (2020), a história do Pratigi remonta ao início do século XX, após a abolição do sistema escravocrata do Brasil, quando fugidos de um quilombo em Gandu, no Sul da Bahia, que havia sido destruído a mando de grandes fazendeiros, Anjo Barros, Maria dos Santos e Faustino trabalharam em vários lugares até conseguirem comprar as terras do Pratigi, onde hoje vivem seus descendentes. Deixo evidente que foram duas famílias que fundaram o Pratigi: os Barros e os Justinos, em 1908 e em 2008 este se tornou quilombo com base no decreto 4.887/2003².

¹ Ver em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/camamu.html>

² Ver em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm

O presente artigo foi dividido em três seções. A 1ª) estudaremos a história da implementação e do fortalecimento do neopentecostalismo no quilombo do Pratigi. Vamos fazer um apanhado sobre a história da fundação desta vertente do cristianismo e da implementação deste no quilombo, analisando a relação entre a “pequena e a grande política” e, sobretudo, os favorecimentos. Na 2ª), analisaremos os fatores políticos e partidários para a implementação do neopentecostalismo na comunidade quilombola, como foram feitos, quem os fez, como foram aplicadas as decisões políticas e como as forças vindas das políticas de fora para dentro do quilombo atuaram nesse sentido. Na 3ª) e última, investigaremos o neopentecostalismo e a tentativa de não aceitação dos cobiquienses como parte do território pratigiense; aqui analisaremos como a implementação e as políticas feitas dentro do quilombola afetaram o território como um todo.

Figura 1- Mapa de localização da comunidade quilombola do Pratigi



Fonte: mapa feito por Barros (2020)

HISTÓRICO DA IMPLEMENTAÇÃO E FORTALECIMENTO DO PROTESTANTISMO NO PRATIGI

Segundo a pesquisa feita por Barros (2020), a família dos Justinos e dos Barros se conheceram no início do século XIX, em uma festa católica no distrito de Barcelos do Sul, Camamu- BA. Nesta festa, eles se tornam compadres e em seguida Anjo Barros convida Justino para comprar o Pratigi juntos; o último aceitou. Rita evidencia muito bem como se deu este processo:

Aí seu Ângelo [Anjo Barros] chegou, se reuniu com justinho, disse: compadre, eu tou encontrando uma mata pra comprar com uma frente beira-mar. Eu vou comprar a mata, porque eu me interesso pela madeira e o senhor compra a beira-mar. Rumbora ver? Vamos. Aí veio ele com meu avô, eu to contando porque meu pai contava tudinho, quando chegou aqui meu avô era pescador de rede e de camboa se alegrou com a sede porque tinha o mar perto e anjo Barros invocou com a mata porque tinha muita madeira de lei. (RITA, 2020)³.

Coloco esta relação entre família & fundação para situar aos leitores a importância das duas famílias no processo histórico pratigiense. O leitor, ao longo do escrito e a partir da história territorial e familiar do Pratigi, poderá analisar como se deu o avanço do neopentecostalismo no povoado citado. Aqui, se dá o marco histórico de povoamento do quilombo, que em breve levará ao nascimento do neopentecostalismo dentro do Pratigi. Contaram-me no Pratigi, que era na casa dos Justino onde ocorriam muitos bailes, era a casa que tinha mais moças solteiras. Moças, no Pratigi da época, tinha a conotação de mulheres virgens. Ao todo, eram sete filhas, sendo esta a única família de pessoas brancas na comunidade. As festas na casa dos Justinos eram, geralmente, quinzenais e as pessoas iam lá dançar e se divertir respeitosamente. Respeitosamente quer dizer que as pessoas não brigavam, não se tratavam mal nem assediavam as filhas de Zé Justino. Iam pessoas de várias comunidades próximas, como: Barcelos, Tapuia, Ilha Grande, Ponta da Caeira, Pedra Rasa, entre outras. Essas festas ocorreram até início dos anos de 1980.

Nessas festas, Leda Justino, a filha de Zé Justino, começou a namorar Josué Barros, neto de Anjo Barros e logo se casaram. Ao se casar com Leda Justino, Josué entrou em contato com Chico, marido de Das Dores Justino, a irmã de Leda que morava em um povoado próximo. Nessa época, Das Dores e Chico, segundo informações

³ Os nomes dos entrevistados neste artigo são todos fictícios para preservá-lo político e socialmente; além disso, as entrevistas foram transcritas literalmente do campo para o escrito.

coletadas na minha pesquisa, já tinham se tornado evangélicos quando viveram em Brasília. E então, sensibilizaram Josué Barros e toda a família de Zé Justino a se converterem ao evangelho. Aos pouco, antes da morte de Zé Justino, acabaram-se as festas profanas, porque todos já haviam se tornado evangélicos.

Na década de 1960, Josué Barros se mudou para a sede municipal, Camamu, a fim de colocar seus filhos para estudar. Na sede, ele começou a frequentar a Igreja Assembleia de Deus, tornando-se uns dos líderes mais ativos e mais respeitados da igreja. Vale observar que, segundo alguns moradores do Pratigi, nessa época, Josué Barros aspirava abrir uma igreja no centro do Pratigi ou no Cobico e, conseqüentemente, evangelizar parte do povo Pratigiense, sobretudo, seus irmãos e Dona Emília Barros, sua mãe. Contudo, para com seus familiares, ele não era um evangelizador persistente, deixava que escolhessem se queriam ou não ser evangélicos. Sobre esse ponto, penso eu que nele permaneciam as memórias relacionadas à trajetória de sofrimento dos ancestrais, como também as promessas de Anjo Barros feitas a Santo Antônio para conseguir adquirir um pedaço de terra no Pós-abolição escravista no Brasil (1888).

Nesse ponto, Frances Yates compara a memória a uma escrita interior e diz que: “os que conhecem as letras do alfabeto podem escrever o que lhes é dito e ler o que escreveram” (2007, p.23), sendo assim, meu tio Josué sabia muito bem sobre as memórias dos pratigienses para com o Santo Antônio, haja vista que ele também fazia parte e, de alguma forma, comungava com elas, embora estivesse no evangelho naquele tempo; mas outrora, ele já havia vivido muitas coisas boas nas festas a Santo Antônio. Além disso, a infância dele foi vivida no Pratigi, desse modo, ele sabia como é bom, como é divertido e gostoso a sensação da chegada do mês de junho e com ele, as festas de Santo Antônio. Nesse ponto, conforme Halbwachs (2003, p.93), “são conservadas as memórias coletivas porque no espírito da criança estavam presentes a família [...]”. A família e o Pratigi traziam a Josué memórias que o levavam para outro estado além da evangelização dos seus parentes.

Parto do princípio de que Josué já sabia que evangelizar os pratigienses correspondia a tentativas em vão, pois os nativos têm grande devoção e não abandonariam o Santo Antônio. Fafá (2020) diz que essa foi uma promessa coletiva, “tomar conta do Santo”, visto que “Anjo Barros pediu próximo a sua morte para que nós não desprezásemos Santo Antônio”, conclui Fafá (2020).

Durante a entrevista, Fafá (2020) salientou que, no Pratigi, entre os mais novos, alguns já se tornaram evangélicos, porém, os mais velhos, ninguém até então faz parte dessa religião. Os nativos mais velhos do Centro do Pratigi e o Santo Antônio se tornaram um forte entrave contra a entrada do protestantismo no Centro do Pratigi. Primeiro a Josué Barros, que sonhava em implementar uma Igreja no centro do Pratigi; e, segundo, pelo que andei ouvindo, atualmente, ao seu filho, Roque, que até hoje segue com a mesma vontade do pai. Porém, como veremos adiante, ele já conseguiu implementar uma igreja neopentecostal no Cobico, que é uma unidade territorial do Pratigi.

Em Camamu, Josué Barros começou a levar e orientar o seu filho mais velho, Roque Silva, no protestantismo. Com o passar dos tempos, Roque estudou e se formou no ensino médio, começando depois a lecionar na escola da sede camamuense, a Escola Municipal Pirajá da Silva, e por anos continuou nesse cargo. Em seguida, ele resolveu se mudar para Feira de Santana-BA, e lá começou a trabalhar de vendedor (trabalho informal), mas sempre frequentando a igreja Assembleia de Deus. Esse êxodo rural que se aprofundou a partir dos anos 1960 no Brasil influenciou muito no crescimento da Assembleia de Deus, haja vista que:

A Assembleia de Deus cresceu na medida do crescimento da pobreza na periferia das cidades e do campo. As classes populares são atraídas pelo apoio e solidariedade, pela liberdade de expressão e manifestação religiosa nos cultos e outras reuniões e pelo acesso direto às lideranças. (WULFHORST, 1995, p.09)

Ou seja, a pobreza, as palavras de alento, a busca pelo respeito são peças-chave para aceitação desta nova religião; conforme Aristimunho (2021, p.122). O sentido da vida, nessas comunidades, é direcionado para forças superiores com as quais o humano estabelece apenas uma relação de “cumprir uma obrigação”. O cristianismo, bem como sua vertente neopentecostal, é percebido por Nietzsche (1973) como a principal vertente ideológica responsável pela inversão dos valores no mundo ocidental. Essa religião, para o filósofo, forma-se a partir do ódio pelo prazer, então, toda manifestação prazerosa ou da vontade de poder, como é o caso das festividades quilombolas, é encarada como demérito. A submissão assume valor cultuado socialmente e essa “falsa igualdade”, quando apropriada pela burguesia, passa a ser a principal base do Estado-Nação. Assim, o trabalho, a guerra, a economia, bem como todas as instâncias do mundo burguês operam sob estas categorias. Logo, a política partidária não se exime desta relação. Os fatores que levam os:

Sujeitos para religiões pentecostais/neopentecostais é um sentimento de melhora de vida, ligada a fins matéricas e aos valores cristãos que se traduzem para os frequentadores em um sentimento de segurança e de sucesso, com base na legitimidade social do campo religioso cristão presente na cultura hegemônica branca da sociedade da qual estão inseridas (ARISTIMUNHO, p, 122).

Por estar vinculada às ideias de religião eurocêntrica, o pentecostal/neopentecostal, dá maior visibilidade social e política ao mundo ocidental e às pessoas que ostentam essa hegemonia. Por outro lado, as outras religiões, como, por exemplo, as de matrizes africanas, ficam escondidas, cultuadas “nos porões”, devido ao preconceito e à intolerância religiosa (NOGUEIRA, 2020), socialmente falando, as religiões de origem africana não atribuem o mesmo *status quo*. A colonização da África pela Europa ocidental traumatizou e alienou o passado e a memória dos africanos. Antes disso, os séculos de escravatura a mando da Europa já tinham sido responsável pela destruição de diversas sociedades africanas. Pela primeira vez na história da humanidade, povos inteiros foram conduzidos a um não lugar e perderam sua memória. Os modelos de ciência, filosofia e história que o Ocidente apregou em todo o planeta foram construídos sob essa tragédia que o eurocentrismo presente nessas comunidades religiosas insistem em afirmar.

Este é um dos motivos que levam as pessoas a escolherem, atualmente, as religiões pentecostais/neopentecostal no Brasil e, principalmente, nas periferias e comunidade rurais. Isto posto, segundo Silva (2008,p.173) “a força dessas expressões religiosas reside exatamente nisso: sabem que, metodologicamente, o ponto de partida para se ter êxito na forma de evangelizar consiste em colocar bastante acento na vida cotidiana dos fiéis” de fato, uma vez que com estas metodologias e apoiado por grande parte dos políticos partidários, sobretudo, a partir dos anos 2000, tais igrejas e seus líderes teriam como tendência o crescimento monetário, uma vez que por motivos subjetivos e objetivos o único socorro de parte da sociedade brasileira seria, sobretudo, as igrejas neopentecostais.

Mais ou menos na década de 2000, surgiu no Brasil um novo modelo de gestão de igrejas protestantes, chamado G 12⁴, que no Brasil passaria a se chamar Movimento Celular ou M-12, implantado pelo ex. pastor da Assembleia de Deus chamado René Terra Nova. O modelo foi copiado do pastor colombiano César Castellanos Dominguez,

⁴ O objetivo da célula é o crescimento e a multiplicação. Assim que a célula atinge a meta de 24 membros, é dividida em duas células de 12 membros, e assim por diante. Isso se aplica em todas as hierarquias dentro da igreja. Para mais informações, ver em: [G12: Conheça e saiba o que é este controverso modelo de igrejas evangélicas | Notícias Gospel \(gospelmais.com.br\)](http://gospelmais.com.br). Acesso em: 15/12/2022

que já o havia importado dos Estados Unidos da América nos anos de 1998. Porém, a igreja Assembleia de Deus foi radical, visto que a instituição não aceitava que essa nova gestão fosse implantada dentro da política dos seus templos; então, vários pastores estavam sendo exonerados dos seus cargos e conseqüentemente formando outras igrejas com esse novo modelo de gestão.

Ao redor dos anos 2000, segundo relato da pesquisa, um pastor da Assembleia de Deus de Feira de Santana foi até o Norte do Brasil saber como funcionava o G 12, na volta, ele foi exonerado da sua congregação e então fundou a igreja “Boas Novas”, a qual é uma vertente neopentecostal. Assim, Roque, depois de fundar uma filial da igreja na sede de Camamu, ganhou o cargo de Pastor da dita congregação (o qual, provavelmente, jamais teria conseguido na Assembleia de Deus - Ministério Belém, mesmo sendo um frequentador assíduo, em razão de que na assembleia, dificilmente, há uma ascensão na hierarquia pastoral). Sob a liderança de Roque, após obter o pastorado e tornar-se um dos 12 discípulos do pastor responsável pela congregação em Feira de Santana, Bahia, que é ligado ao ministério nacional do pastor Terra Nova, a igreja Boas Novas avança sob o território quilombola do Pratigi.

FATORES POLÍTICOS PARTIDÁRIOS PARA IMPLEMENTAÇÃO DO NEOPENTECOSTALISMO NO QUILOMBO DO PRATIGI

Em meados da década de 2010, Roque abriu uma igreja neopentecostal no Cobico, núcleo territorial do quilombo do Pratigi, cumprindo assim, em partes a, vontade do seu pai, Josué. A abertura de um templo no centro do Pratigi não foi possível devido aos moradores mais velhos, os quais não aceitam tal vertente do cristianismo, intervirem contra tal proposta. Havendo este entrave, ele, então, abriu no Cobico, onde a maioria é jovem. Para entender esse processo, é necessário primeiro entender a ascensão política de Nilton Silva ao poder político partidário em Camamu.

Nilton Silva é o filho homem mais novo do casal Josué e Leda. Nilton já nasceu em Camamu, na sede municipal. Quando se tornou adulto, resolveu ir morar em outro Estado, então foi para São Paulo com a sua esposa. No final da década de 1990, retornou a Camamu e começou a trabalhar para o então prefeito de Camamu Zequinha da Mata. Nilton trabalhava fazendo propagandas em um carro de som que adquiriu com o dinheiro que juntou trabalhando em São Paulo. Posteriormente, já nos anos 2000, ingressou no setor público trabalhando com Zequinha da Mata (PP) como administrador

do núcleo escolar rural de Camamu. Em 2012, Nilton se candidatou a vereador pelo PC do B – Partido Comunista do Brasil e com o apoio das igrejas evangélicas ele se elegeu.

Conforme Gandra (2005, p.135), o crescimento do Neopentecostalismo se deu através “da inserção na política partidária e a presença agressiva nos meios de comunicação de massa [...]” e, isto chamou atenção da população [a massa], sobretudo das regiões pobres, que por pressão social e psicológica, migraram para esta vertente do cristianismo. Desde da sua implementação no Brasil, as pautas neopentecostais vão desde da “grande a pequena política” nas quais raramente se encontram discussão ideológica/filosófica partidária entre elas, mas sim, entre pastor & eleitor.

Há pastores, segundo Barros (2020), que por meio das ideologias criada por eles, sobretudo, nas pequenas cidades, conduzem os fies em suas vidas públicas. Este pressuposto dá força aos políticos que tenha base nas igrejas destas cidades. Foi o caso de Nilton em Camamu. Mas isso não quer dizer que são votos de cabresto (LEAL,2005), porque essa relação envolve respeito, reconhecimento e posição social a vista da sociedade. Nos locais que Nilton não exercia tal poder, como o Pratigi, que na época não tinha igrejas evangélicas; o pai dele, Josué, se utilizou de outras relações: as familiares, de amizade e compadrio⁵. O objetivo de tal relação é manter o respeito e favores de ambos os lados.

Para ganhar as eleições para vereador de 2012, Nilton e Josué percorreram os quilombos, as zonas rurais, as comunidades ribeirinhas, etc., onde Josué tinha conhecido, parente e compadre. Em outras palavras, Josué utilizou o nome da família Barros para conversar com os chefes de família em diversas comunidades locais para que seu filho se elegeesse vereador em Camamu e, assim, chegasse, em 2020, à chefia do poder legislativo.

A política em si, como elaboram Heredia e Palmeira (2010), é ambígua. Em Camamu-BA, o PC do B, por questões de amizade, relacionamentos cristãos e políticos, retirou suas pautas progressistas para eleger um evangélico com ideias mais conservadoras. Contudo, passados alguns anos, começaram as brigas dentro do partido, haja vista que as práticas deste estavam mais acentuadas a partidos de centro-direita.

⁵ Para mais informações consultar: PALMEIRA, M; HEREDIA, Beatriz, M, de. Política Ambígua. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2010.)

Já inserido no cenário político camamuense, Nilton migrou então para o Partido Ecológico Nacional – PEN, que em 2018 se tornaria o Partido PATRIOTA⁶.

Em 2018, a então prefeita Ioná Queiroz (PT), eleita em 2016, teve o seu mandato cassado em julgamento da sessão plenária jurisdicional do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O argumento era que Ioná Queiroz ainda estaria inelegível na data do pleito (2016), com base na Lei da Ficha Limpa, em virtude de sua condenação por abuso de poder econômico na campanha eleitoral de 2008. Consequentemente, a cidade de Camamu passou em 2018 por um novo pleito eleitoral⁷, as eleições suplementares.

Nas eleições de 2020, Nilton ganhou o pleito eleitoral com apoio de parte dos membros do PT e do PC do B, que romperam com as siglas e optavam pelo apoio extra-oficial à pessoa de Nilton. A partir dessa ascensão político-partidária de Nilton, desde as eleições de 2012 para vereador e em 2020 para o legislativo em Camamu, abriram-se as brechas de poder para a investida do Neopentecostalismo sobre o quilombo do Pratigi.

Um dos cabos eleitorais do Pratigi, em conversas do cotidiano, na época da pesquisa de campo para a escrita da dissertação, em 2019, me confessou que não concorda com igrejas evangélicas dentro do Pratigi, porque o povo mais velho não quer, entretanto, se alguém quiser ser crente vá para o Cobico. Por outro lado, ressaltou que, se quiserem colocar igreja evangélica no Centro do Pratigi, ele não vai brigar. No Pratigi, o empecilho da implementação das igrejas evangélicas está na memória ancestral que os mais velhos ainda carregam e respeitam ante a promessa de Anjo Barros a Santo Antônio, uma vez que a terra do Pratigi, segundo a nativa Fafá Barros (2020), foi fruto do pacto entre esses dois, como premissa que os Barros nunca deixariam de cuidar do Santo e, como já vimos nos estudos sobre o catolicismo popular, existem um contrato entre o Santo patrono e as comunidades e, esta não pode ser quebrada sob pena de ocorrer retaliação (CORRÊA, 2011). No caso do Pratigi, seria perder as terras.

O PROTESTANTISMO E A TENTATIVA DE NÃO ACEITAÇÃO DO COBICO COMO PARTE DO TERRITÓRIO PRATIGIENSE

⁶Para mais informações consultar o site: <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Abril/aprovada-alteracao-do-nome-do-partido-ecologico-nacional-pen>. Acesso em: 12/12/2022.

⁷ Para mais informações consultar o site: <https://www.bahianoticias.com.br/noticia/236482-tse-decide-por-cassacao-de-mandato-de-iona-queiroz-nascimento-prefeita-de-camamu.html>. Acesso em: 11/01/2023.

Com a implementação, em meados dos anos 2010, da Igreja evangélica neopentecostal – Boas Novas- no Cobico - núcleo territorial pertencente ao território da comunidade quilombola do Pratigi, houve e está havendo, desse modo, tentativas de afirmar esta vertente do cristianismo dentro do quilombo do Pratigi há anos pela família nuclear de Josué Barros, como foi relatado ao longo da presente pesquisa.

No Pratigi, a implementação da Igreja evangélica só deu certo ao entrar pelo núcleo territorial do Cobico, cooptando primeiro o núcleo territorial onde, hoje, concentra a maioria de jovens. O contato principal para efetivação do protestantismo no Cobico foi feito por Paulo, filho de Felix Barros, um dos moradores do Cobico, primo de Roque e Nilton Souza, que em meados da década de 2010 se converteu ao evangelho. Quando Josué Barros ainda era vivo, se juntou com Paulo e, então, começaram a instalar efetivamente os cultos semanalmente nas residências dos descendentes de Felix Barros, no Cobico. Nessa época, Felix, o irmão de Josué, já havia falecido. Quando vivo, Felix era devoto de Santo Antônio e dava Caruru todos os anos a Cosme e Damião, então, se estivesse vivo, penso eu, seria mais difícil a introdução do protestantismo nas terras pratigienses.

Na pesquisa de Barros (2020) ficou evidente que Felix Barros sabia que essas terras foram compradas através da promessa a Santo Antônio e desenvolvidas por meio das relações que tiveram como base no respeito ao Santo, como, por exemplo, à construção da primeira igreja do Santo Antônio, que teve como resultado o desenvolvimento das relações de compadrio e de amizade, tecidas com a vizinhança no início do povoamento do Pratigi. Com relação à chegada da Igreja Neopentecostal no Cobico, há rumores correndo dentro do Pratigi, segundo o que percebi em campo, que a maioria da população do Cobico está começando a repudiar o pertencimento ao Pratigi. Há conversas bem nítidas entre os moradores locais, no sentido de estar havendo uma tentativa de negação por parte de alguns moradores do Cobico a pertencerem ao Pratigi. Sobre esse fato, Carlos Artur, morador do Centro do Pratigi diz: “Para eles, o Cobico é um e o Pratigi é outro. Eles continuam nessa bestagem deles”. Perguntado se essa tentativa de desligamento do povo do Cobico com o Pratigi seria devido à implementação da igreja neopentecostal no Pratigi, Carlos Artur (2020) responde que:

[...] foi, foi. Aqui ele nunca botava, porque aqui o povo nunca seguiu... ele nunca conseguiu botar ninguém aqui na religião deles, nunca, nunca; ele lutou, lutou, lutou... e nunca conseguiu. Ele nunca conseguiu botar ninguém aqui, Josué mesmo não, agora fulano depois que chegou aí dando muito presente, trazendo essas coisas foi que conseguiu

botar o pessoal do Cobico, mas nem todos. Soube que alguns não querem entrar pra ser crente.

Carlos Artur atesta que isto realmente está acontecendo e há possibilidades de fragmentação de alguns núcleos familiares dentro do quilombo do Pratigi, devido à relação entre político & religião. A implementação do Neopentecostalismo dentro de certas etnias ocasiona mudanças comportamentais que irão diferenciá-las. Estas mudanças, segundo Poutignat e Streiff – Fenart (2011), está ligada às definições étnicas que podem ser endógenas e exógenas, ou seja, autodefinição ou a definição que vem de fora, “isto transforma a etnicidade em um processo dinâmico sempre sujeito a redefinições e a recomposição” (POUTIGNAT E STREIFF – FENART, 2011, p.142).

Sabemos que isto é um processo histórico e social da humanidade, sobretudo, na modernidade. Porém, a filosofia Neopentecostalismo criou uma guerra contra tudo que está ligado a África (GANDRA,2005). Esta guerra negacionista contra as etnias quilombolas, com todas as simbologias e tradições ligadas ao afro-brasileiro, tem avançado muito, a ponto de os quilombolas estarem sempre em posição de defesa frente às instituições cristãs, principalmente a neopentecostal, que geralmente tem fortes relações com a “grande política”. Sendo assim, não se configura uma mudança histórico-social da etnicidade e, sim, um etnocídio.

Esta afirmação ressoa na etnografia feita por Aristimunho (2020) intitulada: *Quilombo urbano Chácara do Rosa: conformação de identidade*. Onde a autora percebeu “que os moradores preferem preservar uma memória de resistência social e estrutural, deixando de lado a construção de uma identidade étnica com base na religiosidade de matriz africana” (p.121). A partir desse fragmento fica evidente que parte da população pertencente a estes povos irá mudar sua etnicidade em detrimento do outro grupo e é a etnicidade secular que dá coesão aos quilombolas.

Na etnografia feita por Barros (2020), no quilombo do Pratigi, para compor a dissertação, a pergunta de partida, foi a seguinte: o que constitui o povo do Pratigi? ; o que faz os pratigienses serem o que eles são? Chegou-se a conclusão de que são estas reações étnicas seculares o que faz os pratigienses serem o que eles são e o que os mantêm sendo o que eles são. Portanto, a introdução do neopentecostal na comunidade, a qual é inevitável, deve ser observada com respeito e críticas, ainda mais quando este vai acompanhado com a “grande política”.

Segundo Poutignat e Streiff – Fenart (2011, p.141), etnicidade “é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função

de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores.” Contudo, não estou aqui dizendo que devemos ser escravo da nossa identidade, que para Hall (2003) isto é quase impossível no mundo globalizado. O que estou questionando é: até que ponto esta mudança é forçada? Quem força e como força?

Partido desses pressupostos, a instalação de uma igreja neopentecostal em um território quilombola, onde a “grande política” influencia a “pequena política” em todo território nacional para que isto aconteça, é sobretudo um ato político. Apesar de que, municipalmente falando, nas eleições camamuenses de 2020, tanto os Barros do Centro do Pratigi, quanto os do Cobico votaram nas mesmas siglas partidárias, tentando eleger os dois parentes, Zé Barros para vereador e Nilton para prefeito, mas isso não quer dizer que no futuro não ocorra cisões no plano político partidário, posto que religião, sobretudo, se trata de política.

Para Bourdieu (2007), existe um “jogo” simbólico entre os agentes de uma sociedade, tal jogo acontece entre posição e situação. Para o autor, esses dois polos estão ligados em busca por ascensão mútua. Essas relações sociais não devem ser olhadas apenas relativamente pois os agentes se movimentam em busca de firmarem sua posição social e material. A meu ver, dentro deste jogo de interesses relatado pelo autor, o objetivo principal das pequenas comunidades é se sobrepor, igualar forças, para conseguir os direitos que lhes foram negados secularmente.

Isto posto, pensar a emergência de um potente fenômeno pós-moderno, como o neopentecostalismo, onde os sentimentos sociais e coletivos a percebem como uma unidade política e simbólica simultaneamente e, além de tecerem alianças que envolvem relações da “pequena e grande política”, representadas simbolicamente pela reunião de “irmão de fé”, logo, torna-se difícil igualar tais forças políticas, entre a comunidade, geralmente pobres e estigmatizadas com a estrutura da força neopentecostal politicamente falando, principalmente em países pobres ou emergentes, como o Brasil.

A meu ver, esses “irmãos de fé” que fazem parte da “pequena política”, à medida que adentram cada vez mais a teologia dessas igrejas, perdem mais sua capacidade individual de discernimento, uma vez que toda a alegria e as boas coisas estão em um mundo subjetivo, mundo este que para ser alcançado precisa de um pastor para conduzi-los através da teologia imposta por eles, baseada numa determinada leitura da Bíblia:

Onde quer que a influência dos teólogos seja sentida, há uma transmutação de valores, os conceitos de verdadeiro e falso são forçados a inverter suas posições: tudo que é mais prejudicial à vida é nomeado verdadeiro, tudo que a exalta, a intensifica, a afirma, é considerado falso (NIETZSCHE, 1973, p.20).

Sendo assim, “a igreja contribui para a manutenção da ordem política, ou melhor, para o reforço simbólico das divisões desta ordem, pela consecução de sua função específica, qual seja a de contribuir para a manutenção da ordem simbólica” (BOURDIEU, 2007, p.70). Isto depende, também, do ponto de vista e a depender do momento, da história e da posição geográfica onde a igreja esteja inserida. No caso do Pratigi, essa questão está se confirmando uma jogada política dentro do território vinda a partir de outra religião – a neopentecostal, uma vez que no Pratigi é cultuado o catolicismo popular e, além disso, recentemente se tornou quilombola. A respeito disso, evoco Gandra (2005, p.138), quando ela diz que:

[U]ma das principais características do movimento neopentecostal. [...] é declarar guerra aos cultos afro-brasileiros, o espiritismo e o catolicismo popular, pois, para eles, apresentam caráter demoníaco, que como tal precisam ser combatidos (guerra santa) daí a exacerbação dos ritos de exorcismos tomarem uma parcela significativa de seus cultos.
Ainda:

no plano teológico, caracterizam-se por enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra, por pregar a Teologia da Prosperidade, difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos, e por rejeitar usos e costumes (MARIANO, 2004, p.194).

Para alcançar seus objetivos, os quais, segundo os autores mencionam, é necessário invadir o território e fazer o enfrentamento pelas brechas e pelos meios mais “fracos”, já que, durante a minha pesquisa, ouvi relatos que a chegada do neopentecostalismo foi constituída pelos meios assistencialistas aos fiéis (presentes, feiras, etc.), como se estivessem sendo comprados⁸. Carlos Artur descreve o sentido da coisa, da seguinte forma: “[...] como é aquele (nome do pesquisador)? Aquilo ali é questão de influência, aquilo ali. Como o pastor trazia muita coisa para dar e tal, que recardava das igrejas de lá (da cidade). Aquilo ali que era a influência” e Carlos Artur prossegue relatando, que o pastor não está comparecendo muito ao Cobico e a fé dele é que isso acabe devido a essa ausência.

⁸ Não estou insinuando em hipótese alguma que houve compra monetária da fé. O que minha pesquisa de campo mostrou é que houve outros tipos de incentivos para a ida das pessoas a igreja, que após este período se tornaram evangélicos.

Mas foi engano de Carlos Artur, visto que próximo ao processo eleitoral de 2020, ele estava comparecendo à Igreja todos os dias. Não estou julgando se isto é certo ou errado, porque como disse Heredia e Palmeiras (2010) a política sempre se configura uma relação de interesses. E sabemos bem que para além da fé, a religião também é política, e historicamente ela fez essa ligação entre “a pequena e a grande política” na comunidade quilombola do Pratigi (BARROS,2020), primeiro com a igreja apostólica romana e agora com o neopentecostalismo.

Outros pratigienses, entretanto, afirmam que essa tentativa de o Cobico se emancipar territorialmente é em razão do aumento do índice demográfico do Cobico. Atualmente, todos no Cobico são evangélicos, cerca de 100 pessoas, exceto Terezinha Barros e seu esposo Isaque da Gamboa, que herdaram as terras do Cobico como herança por pertencer a família Barros. As pessoas do Cobico, como disse anteriormente, são jovens e trabalham com a agricultura e na pesca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bezerra (1999), diz que a “pequena e a grande política” se emanariam de tal forma que uma está dentro da outra, criando, assim, uma espécie de simbiose. Sabemos que a religião serve para fazer a conexão de uma coisa a outras, mas também exerce, vamos assim dizer, um papel precípua de ligadura entre a política local e a estatal. Estas conexões são feitas através das implementações das igrejas nas periferias e nas comunidades rurais, no caso deste artigo, em um quilombo. Por exemplo, a igreja neopentecostal implementada na comunidade quilombola do Pratigi, em Camamu – Baixo Sul da Bahia, foi fruto da relação entre a “grande e a pequena política”.

A questão é: o pastor Roque colocou esta igreja no quilombo do Pratigi num momento em que seu irmão detinha certo poder político estatal municipal - era vereador? O fato é que no momento citado, ele podia mobilizar certas forças de “cima para baixo.” Ou seja, da “grande para a pequena política”, se utilizando de certas influências, respeito e prestígio que a “grande política” proporciona dentro das instituições privadas e estatais, como frente a sociedade. Porém, diante destas relações, os moradores (nativos) exercem uma força oposta, “de baixo para cima”, se utilizando da estrutura advinda da grande política para conseguir certos benefícios materiais e sociais. Seja na “pequena ou na grande política” estes processos se baseiam nas relações de prestígio, de reconhecimento, de respeito frente a sociedade.

É necessário deixar claro que, tanto o pastor, quanto o agora prefeito de Camamu (2020-2024), são nativos do Pratigi, logo, essas grandes forças político/religiosas regionais, na maioria das vezes, são mobilizadas pelos próprios quilombolas para dentro do território. O que eu quero dizer, é que esse fenômeno da expansão neopentecostal para dentro das comunidades são feitas, geralmente, pelos próprios quilombolas, que por várias questões, sobretudo, sociais e econômicas, se evangelizam, para assim, serem aceitos no mundo do trabalho; terem respeito e prestígios frente a sociedade (ARISTIMUNHO, 2021).

O êxodo destas religiões, sobretudo neopentecostal, em direção a estas comunidades, para além do prestígio individual citado, pretende, também, alcançar “as classes populares, oprimidas pela sociedade capitalista, ou seja, vítimas de exclusão periférica, pobres, negros, mulheres, etc.” (ARISTIMUNHO, 2021, p.143); como também, proporcionar um apagamento étnico cultural das comunidades tradicionais, sobretudo de matriz africana; sob o pressuposto conforme, explica Gandra (2005, p.138), na “declaração de guerra aos cultos afro-brasileiros, o espiritismo e o catolicismo popular [...]”. Desse modo, as igrejas neopentecostais chegam a cada dia mais fundo e de “mãos dadas” com a “grande política” nas periferias dos países mais pobres e violentos, com as ideias de superação espiritual e material para estes povos.

REFERÊNCIAS

ARISTIMUNHO, Lilian Ghisso. **Quilombo urbano Chácara do Rosa: conformação de identidade**. São Paulo: Pimenta Cultura, 2021.

BARROS, F.J.L. **Memória, festa de Santo, território e alianças políticas: Uma etnografia do quilombo do Pratigi (BA)**. Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), 2021. 188p. Dissertação (Mestrado em Estado e Sociedade). Universidade Federal do Sul da Bahia.

Bezerra, Marcos Otavio. **Em nome das "bases": política, favor e dependência pessoal**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução: Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CORRÊA, Rosimay. **Festa de Santo: o pagamento de promessas em Parintins-AM**. Universidade Federal do Amazonas (UFAM), 2011. 109 p. Dissertação (Mestrado Pós Graduação em Sociologia). Universidade Federal do Amazonas, 2011.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: editora UFMG, Brasília: representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sindou. São Paulo: Centauro, 2003.

- KILOMBA, Grada. **Memória de plantação**: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 2005.
- MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos avançados**, n.18, v.52, 2004.
- MELLO, Marcelo Moura. **Reminiscências dos quilombos**: território da memória em uma comunidade negra rural. São Paulo: Editora terceiro nome, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anti-cristo**. Lisboa: Presença, 1973.
- NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; ed. Jandaíra, 2020.
- PALMEIRA, M; HEREDIA, Beatriz, M, de. **Política Ambígua**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2010.
- POUTIGNAT, Philippe; STEIFF-FENART, Jocelyne. **Teoria da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. 2ª. Ed. Trad. De Elcio Fernandes, São Paulo: Ed. UNICAMP, 2011.
- SANTOS, A.C.S.D. Voltando para a “origem”? Considerações sobre o campo entre parentes e os “segredos de família” **Revista Calundu** –Vol.4, N.2, jul-Dez, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/34576/28497>. Acessado: 11/11/2022.
- SILVA, Jefferson Evânio da. **Religião e política na terra da Mazuca**: Discurso, prática e paltanques eleitorais 1960-1980. Jundiá – SP: Paco editorial, 2020.
- SILVA, Drance Elias da. Neopentecostalismo, dinheiro, dádiva e representação social do divino. **INTERAÇÕES - Cultura e Comunidade**, v. 3 n. 3, p. 169-188, 2008. Disponível em: https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/PUC_MINS-5_d4f5516c636e518566510c0af61b4e8e. Acessado em: 22/01/2023.
- WULFHORST, Ingo. O Pentecostalismo no Brasil. **Estudos Teológicos**, v.35, n.1, p.p 7- 20, 1995. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/1852>. Acessado em: 20/01/2023.
- YATES, Frances, A. **A arte da memória**. Trad. De Flávia Bancher, Campinas, SP: editora da UNICAMP, 2007.

(Recebido em fevereiro de 2023; aceito em fevereiro de 2023)